

ANO NOVO, LUTA NOVA



TEXTOS DE DOM JAVIER
ECHEVARRÍA SOBRE O ANO NOVO

ANO NOVO, LUTA NOVA

Trechos das cartas pastorais de Dom Javier Echevarría sobre o Ano Novo.

© *Oficina de Informação do Opus Dei*, 2017

ÍNDICE

Introdução

- Janeiro 2007. Paz no mundo, paz na alma
- Janeiro 2008. Dar razão de nossa esperança
- Janeiro 2009. Nos braços de Maria
- Janeiro 2010. Mais que Ela, só Deus
- Janeiro 2011. Cristo nos libertou
- Janeiro 2012. Encontrar a Deus na debilidade
- Janeiro 2013. Humildade de coração
- Janeiro 2014. Desejos de fraternidade
- Janeiro 2015. Jesus nasceu em uma família
- Janeiro 2016. Mãe de Deus, Mãe nossa

Compartilhar...

INTRODUÇÃO

Este livro recolhe fragmentos das cartas escritas nos meses de janeiro, desde 2007 até 2016, que Dom Javier Echevarría escreveu aos fiéis do Opus Dei, e que foram publicadas no site da prelazia.

Com o falecimento do prelado no passado 12 de dezembro de 2016, e com ocasião do início de um novo ano, juntamos algumas reflexões e conselhos espirituais que ofereceu Dom Javier Echevarría sobre o fim de um ano, e o constante recomeçar da nossa vida interior.

[Voltar ao índice](#)

PAZ NO MUNDO, PAZ NA ALMA

(JANEIRO DE 2007)

Hoje, 1º de janeiro, celebra-se a Jornada Mundial da Paz: um dia muito adequado para suplicar ao Senhor que infunda este dom celeste em cada coração e na sociedade. Como recordava o Santo Padre no começo do Advento, “a paz é a meta a que aspira a humanidade inteira. Para os que creem, «paz» é um dos nomes mais belos de Deus, que quer o entendimento entre todos os seus filhos”¹.

A tarefa de fomentar a paz não é posta somente nas mãos dos que têm responsabilidades diretas na gestão da coisa pública, mas nas de todos os cidadãos sem exceção, conforme as possibilidades de cada qual. Cumpramos diariamente esta gozosa tarefa de nos empenharmos em ser “semeadores de paz e alegria” – como gostava de dizer o nosso Padre – nos variados âmbitos da nossa existência. Que paz deixamos nas almas? Podem elas afirmar que as estimamos? Como rezamos pelos que sofrem?

O primeiro campo em que temos de cultivar a paz encontra-se na nossa própria alma, onde deve reinar esse dom divino para podermos depois transmiti-lo aos outros. É do coração humano que procede o mal; mas, com a graça de Deus, também nascem nele as coisas boas que a criatura humana está em condições de levar a cabo. “O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração, e o mau tira coisas más do seu mal: porque da abundância do coração fala a boca”². Afirmo Bento XVI: “«Graça» é a força que transforma o mundo; «paz» é o fruto maduro dessa transformação”³. Mas é necessária a colaboração livre da pessoa no projeto divino de salvação. E como é no coração que reside em última instância a causa dos conflitos, deriva daí a necessidade de que cada qual combata decididamente dentro de si, para afirmar o reinado de Deus na sua própria alma.

É esta uma verdade antiga como o Evangelho, embora infelizmente muitos não a conheçam ou não a ponham em prática. O Senhor disse: “Não penseis que vim trazer a paz à terra. Não vim trazer a paz, mas a espada”⁴. Falava da luta contra o pecado, pressuposto indispensável da verdadeira paz.

Quando há verdadeiro empenho em erradicar a má erva do pecado e em identificar-se com Cristo, a existência do cristão converte-se na boa terra em que podem germinar as virtudes que tornam possível a convivência, cheia de caridade e de paz, entre pessoas dos ambientes mais diversos.

[Voltar al índice](#)

* * *

¹ Bento XVI, *Homilia*, 2-XII-2006.

² *Lc* 6, 45

3 Bento XVI, *Homilia em Éfeso*, 29-XI-2006.

4 *Mt* 10, 34.

DAR RAZÃO DE NOSSA ESPERANÇA (JANEIRO DE 2008)

O Natal volta a pôr diante dos nossos olhos a urgência de colaborarmos com Cristo na aplicação dos frutos da Redenção. Os pastores de Belém dão-nos um bom exemplo disso: depois de terem ocorrido pressurosos à gruta, onde encontraram Maria, José e o Menino reclinado na manjedoura, regressaram ao seu trabalho habitual cheios de alegria. Voltaram mudados por dentro, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, e desejosos de comunicar aos seus parentes e vizinhos a boa nova; desse modo, todos os que os ouviam maravilhavam-se das coisas que os pastores lhes contavam¹. E isso apesar de serem, muito provavelmente – tal como acontece ainda hoje –, pessoas retraídas, pouco dadas à conversa.

Quando alguém experimenta uma grande alegria, sente o impulso de comunicá-la às pessoas com quem se relaciona. E com mais razão quando se trata da vida sobrenatural que Jesus trouxe à terra. É uma felicidade que não é possível ocultar, porque a vocação cristã, por natureza, traz consigo a vocação apostólica. A alegria de termos sido salvos por Deus não cabe num só coração. **«Santo Agostinho diz que quem consegue a conversão de uma alma tem a sua predestinada. Pensai, então, o que não será trazer outras almas ao caminho de Deus, à entrega! Algo maravilhoso! [...]. Porque o bem é de per si difusivo. Se eu desfruto de um bem, terei necessariamente desejos eficazes de que os outros venham participar dessa mesma felicidade»².**

No entanto, consolidou-se em muitos lugares a falsa ideia de que não é conveniente falar das próprias convicções religiosas a outras pessoas. Equivale – dizem – a intrometer-se na vida privada dos demais, atentando contra a intimidade de cada um. Devemos rejeitar semelhante atitude e estar sempre dispostos a manifestar a razão da esperança que nos traz a nossa vocação cristã³, com desejos sinceros de que a boa nova da salvação ressoe nos ouvidos dos nossos parentes, amigos e conhecidos.

Não podemos conformar-nos com o testemunho do exemplo, porque só o exemplo – embora indispensável – não basta. Lembremo-nos da censura que o Senhor dirigiu àqueles que não advertiam o povo dos perigos da idolatria: *São cães mudos incapazes de latir, sonolentos, deitados ao comprido, amigos de cochilar*⁴.

Filhas e filhos meus, permaneçamos vigilantes para não nos tornarmos merecedores dessa censura do Senhor; deixaríamos de ser sal da terra e luz do mundo⁵. E isso não deve acontecer. Alimentas o teu fervor apostólico como se fosse um instinto sobrenatural? De que maneira pedes ao Senhor que ponha nos teus lábios a palavra oportuna nas tuas conversas diárias, incluídas as de caráter profissional, e nos tempos de descanso? É preciso falar aos homens e mulheres da divina condescendência que se manifestou com a vinda do Filho de Deus ao mundo, e dizer-lhes que o Senhor espera a nossa colaboração no anúncio da sua mensagem de amor, de vida e de paz.

* * *

- 1 Cfr. *Lc* 2, 16-20.
- 2 São Josemaria, Apontamentos tomados numa tertúlia, 29/12/1959
- 3 1 *Pe* 3, 15.
- 4 *Is* 56, 10.
- 5 *Mt* 5, 13-14.

NOS BRAÇOS DE MARIA (JANEIRO DE 2009)

Nos dias do tempo do Natal, o nosso olhar também se dirige a Nossa Senhora, totalmente ocupada em cuidar do seu Filho recém-nascido. Com que amor o tomou nos braços em Belém e o cercou de atenções em todos os momentos! Depois, durante os anos de Nazaré, procurou de todas as maneiras não se afastar dEle: colaborou com São José na educação humana do Filho de Deus, dando-lhe o seu carinho, aprendendo da sua conduta e das suas palavras como a primeira e melhor discípula do Mestre. Agora, ocupa-se de nós – de cada uma e de cada um – com o carinho e a dedicação com que cuidou do seu Filho, porque Jesus Cristo, na Cruz, a confirmou na sua autêntica maternidade espiritual sobre as mulheres e os homens de todos os tempos ¹. Desde então, Maria não deixou de cuidar de toda a humanidade e, especialmente, dos seus filhos mais necessitados. Por isso, no começo deste novo ano, na solenidade da Maternidade divina de Nossa Senhora, a Igreja nos convida a meditar na solícitude da Santíssima Virgem e a agradecer-lhe todas as suas delicadezas.

A Encarnação do Verbo – como professamos no Credo – realizou-se por obra do Espírito Santo, com a colaboração livre e plena da Virgem Maria. Com este Mistério, que culmina na Cruz e na Ressurreição, Deus resgatou-nos dos nossos pecados e nos outorgou o dom da filiação divina. Há alguns dias, lemos umas palavras de São Paulo, o grande arauto de Cristo e do Evangelho, dirigidas aos Gálatas, que encerram um tesouro de doutrina. Escreve o Apóstolo que, *ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, que nasceu de uma mulher e nasceu submetido à lei, para redimir os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos* ². (...)

Sempre é tempo de aprofundar na filiação divina, mas nestes dias isto fica mais acessível: basta olhar para o Menino Jesus reclinado na manjedoura, nos braços de sua Mãe ou nos de São José. O nosso Deus fez-se criatura desvalida e inerte para que sejamos e nos sintamos filhos de Deus de maneira muito profunda, e nos aproximemos dEle sem nenhum temor. Se, às vezes, por qualquer motivo, isto nos custa, recorramos a Nossa Senhora e a São José, pedindo-lhes que nos ensinem a relacionar-nos com Deus com a confiança e intimidade que eles lhe manifestavam. Supliquemos ao Paráclito, que mora na nossa alma, que nos ponha no coração este grito – *Abba, Pai!* –, de modo que, com o dom de piedade, nos faça saborear a fundo a realidade da nossa filiação divina.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ Cfr. Jo 19, 25-27.

MAIS QUE ELA, SÓ DEUS (JANEIRO DE 2010)

Durante os dias passados, a Igreja convidou-nos a percorrer uma vez e outra o caminho de Belém, para adorarmos e darmos graças a Jesus Cristo. Tudo girou em torno dEle, nesta primeira semana do tempo do Natal. As outras personagens da cena – Nossa Senhora e São José, em primeiro lugar – ficavam num segundo plano, porque o Protagonista principal é Nosso Senhor, o Filho eterno do Pai – Luz da Luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro –, que se fez verdadeiro homem por nós e para nossa salvação. Agora, ao começar o novo ano, somos convidados a fixar os olhos nas outras personagens do Natal: na Virgem Maria, em primeiríssimo lugar; e, junto dEla, inseparável dEla, em São José.

Hoje, Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, a nossa alma enche-se de admiração e alegria ao dirigirmos a Nossa Senhora esta invocação, raiz de todas as graças com que o Onipotente enriqueceu Aquela que, desde a eternidade, tinha escolhido como Mãe do seu Filho, segundo a natureza humana. ***Por esse título, foi concebida imaculada e está cheia de graça, é sempre virgem, subiu em corpo e alma aos céus, foi coroada como Rainha da criação inteira, acima dos anjos e dos santos. Mais do que Ela, só Deus***¹. Assim o quis o Senhor, assim o ensina a Igreja, assim o cremos os cristãos. ***Não há o perigo de exagerar***, escreve São Josemaria. ***Nunca aprofundaremos bastante neste mistério inefável; nunca poderemos agradecer suficientemente à nossa Mãe a familiaridade com a Trindade Beatíssima que Ela nos deu***².

Hoje temos uma ocasião esplêndida de dar um novo impulso ao nosso trato filial com a Santíssima Virgem e de agradecer-lhe o seu desvelo por nós. Maria conduz sempre a Jesus, como aconteceu com aquelas personagens do Oriente, os Reis Magos, a quem uma estrela acompanhou até Belém para adorarem o Messias que acabava de nascer. E onde o encontraram? São Mateus refere-o com enorme simplicidade: Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, adoraram-no; depois, abriram os seus cofres e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra³. Empenhamo-nos em ser mais de Maria, para pertencermos inteiramente a Deus? Repetimos com sinceridade aquelas palavras que o nosso Padre pronunciava: ***Mãe de Deus e Mãe nossa!***?

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ São Josemaria, Amigos de Deus, n. 276.

² Ibid.

³ Mt 2, 11.

CRISTO NOS LIBERTOU (JANEIRO DE 2011)

Desde a noite de Natal, e depois, várias vezes, ao longo dos dias seguintes, a Liturgia põe nos nossos lábios as palavras de um Salmo: *Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, Terra inteira! Cantai ao Senhor, bendizei o Seu nome, proclamai, dia após dia, a Sua salvação. Anunciai aos pagãos a Sua glória e a todos os povos, as Suas maravilhas*¹.

Este reiterado convite à alegria tem uma clara razão de ser: o nascimento do Filho de Deus, para nos alcançar a verdadeira liberdade. «**Mas Deus Pai, quando chegou a plenitude dos tempos, enviou o Seu Filho Unigenito, que por obra do Espírito Santo, encarnou em Maria sempre Virgem, para restabelecer a paz, para que, redimindo o homem do pecado, adoptionem filiorum reciperemus (Gl 4, 5), nós fôssemos constituídos filhos de Deus (cfr. Rm 6, 4-5), capazes de participar na intimidade divina, e assim fosse concedida a este homem novo, a esta nova estirpe dos filhos de Deus, a libertação de todo o universo da desordem, restaurando todas as coisas em Cristo (cfr. Ef 1, 9-10), que as reconciliou com Deus (cfr. Cl 1, 20)**»².

O Redentor trouxe-nos, além de outros inumeráveis bens, o grande dom da liberdade, para podermos servir a Deus por amor, inspirados interiormente pelo Espírito Santo, que nos fez «filhos no Filho»³. Pela nossa incorporação ao Corpo Místico de Cristo, o temor que nos sujeitava à escravidão foi lançado para longe de nós. Como São Paulo recorda, *foi para a liberdade que vós fostes chamados (...). Foi para esta liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes, e não vos sujeiteis outra vez ao jugo da escravidão*⁴.

Comentando umas palavras do Evangelho *veritas liberavit vos*⁵, –, São Josemaria escrevia: «**Que verdade é esta, que inicia e consoma o caminho da liberdade em toda a nossa vida? Resumi-la-ei com a alegria e com a certeza que provêm da relação de Deus com as Suas criaturas: saber que saímos das mãos de Deus, que somos objeto da predileção da Santíssima Trindade, que somos filhos de um Pai tão grande. Peço ao meu Senhor que nos decidamos a apercebermo-nos disso, a saboreá-lo dia após dia: assim atuaremos como pessoas livres. Não esqueçamos: quem não sabe que é filho de Deus desconhece a sua verdade mais íntima e carece, na sua atuação, do domínio e do senhorio próprios dos que amam o Senhor, sobre todas as coisas**»⁶. Faço tantas citações do nosso Padre porque elas são como moedas de ouro que o Senhor põe nas nossas mãos. Tiremos delas todo o sentido que lhes dava quem só procurava fomentar o seguimento de Jesus Cristo e o serviço à Igreja santa e às almas. Volto a sugerir-vos: recorrei mais a este tesouro, que nos unirá profundamente ao querer do Céu.

A liberdade de amar a Deus e, por Ele, a todas as pessoas, surge como uma das principais consequências da filiação divina. Por isso temos de a defender, respeitar e promover, a todos os níveis da existência. Este é o tema indicado para o Dia Mundial da Paz, que se celebra hoje, primeiro dia de Janeiro. Na sua Mensagem, intitulada *A liberdade religiosa, caminho para a paz*, Bento XVI dirige uma vibrante chamada aos políticos, aos líderes religiosos e a todos os homens e mulheres de boa vontade, para que

promovam e defendam este grandioso bem, próprio de quem foi criado à imagem e semelhança de Deus, o qual, juntamente com o bem da vida, constitui o fundamento mais básico de todos os direitos da pessoa. «Com efeito», escreve o Papa, «a abertura à verdade e ao bem, a abertura a Deus, radicada na natureza humana, confere plena dignidade a cada um dos seres humanos e é garante do respeito pleno e recíproco entre as pessoas. Por conseguinte, a liberdade religiosa deve ser entendida não só como imunidade da coação mas também, e mais ainda, como capacidade de organizar as próprias opções segundo a verdade»⁷.

Vem-nos à memória a defesa apaixonada do dom divino da liberdade que S. Josemaria levou a cabo durante toda a sua vida. Manifesta-se de forma muito clara na sua resposta à pergunta de um jornalista. Dizia o nosso Fundador: «o Opus Dei, desde a sua fundação, nunca fez discriminações: trabalha e convive com todos, porque vê em cada pessoa uma alma que é preciso respeitar e amar. Não são meras palavras: a nossa Obra foi a primeira organização católica a admitir como Cooperadores, com autorização da Santa Sé, os não católicos, sejam ou não cristãos. Defendi sempre a liberdade das consciências. Não compreendo a violência: não me parece apta para convencer nem para vencer. O erro supera-se com a oração, com a graça de Deus, com o estudo: nunca com a força, sempre com a caridade»⁸.

Infelizmente, o direito civil de honrar e servir a Deus segundo a voz da própria consciência, encontra hoje grandes dificuldades em muitos países. Em muitos sítios, como o Romano Pontífice lamenta com dor, «os cristãos são, atualmente, o grupo religioso que sofre maior número de perseguições devido à própria fé»⁹; uma perseguição que desemboca muitas vezes no martírio, como pudemos testemunhar, mais uma vez, recentemente. «Noutras regiões», prossegue o Santo Padre, «há formas mais silenciosas e sofisticadas de preconceito e oposição contra os crentes e os símbolos religiosos»¹⁰. Isto está a acontecer em povos de maioria e de tradição cristã multissecular. Perante estes abusos de poder, nenhum homem e nenhuma mulher honrados podem ficar indiferentes. «Não se pode aceitar nada disto, porque constitui uma ofensa a Deus e à dignidade humana. Além disso, é uma ameaça à segurança e à paz, e impede a realização de um desenvolvimento humano autêntico e integral»¹¹.

Não penseis que a situação atual é inédita. Talvez nos nossos dias se manifeste com maior extensão e novos matizes, também porque as comunicações são mais fáceis e rápidas, ainda que, na opinião pública, nem sempre se atribua à intolerância religiosa o relevo que merece. Mas não é um facto novo na História, como o próprio Jesus avisou: *Se o mundo vos odeia, sabeis que, antes que a vós, me odiou a Mim (...). O servo não é mais que o seu senhor. Se me perseguiram a Mim, também vos hão-de perseguir a vós. Se guardaram a Minha palavra, também hão-de guardar a vossa*¹².

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ Sal 95 [96] 1-3.

² São Josemaria, Cristo que passa, n. 183.

³ Concílio Vaticano II, *Const. past. Gaudium et spes*, n. 22.

- 4 *Gal* 5, 13 y 1.
- 5 *Jo* 8, 32.
- 6 São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 26.
- 7 Bento XVI, *Mensagem para Dia Mundial da Paz de 2011, 8-XII-2010*, n. 3.
- 8 São Josemaria, *Entrevistas*, n. 44.
- 9 Bento XVI, *Mensagem para Dia Mundial da Paz de 2011, 8-XII-2010*, n.1.
- 10 *Ibid.*
- 11 *Ibid.*
- 12 *Jo* 15, 18-20.

ENCONTRAR A DEUS NA DEBILIDADE

(JANEIRO DE 2012)

À luz do amoroso desígnio divino para com a humanidade inteira e para com cada um de nós, adquirem o seu verdadeiro relevo os acontecimentos do ano que acaba de encerrar-se: a saúde e a doença, os êxitos e os fracassos, os acontecimentos felizes e os dolorosos, o que consideramos bom e o que nos pareceu menos bom... Assim o expressou o nosso Fundador naquele ponto de *Caminho* em que nos exorta a levantar o coração a Deus, ***em ação de graças, muitas vezes ao dia. – Porque te dá isto e aquilo. – Porque te desprezaram. – Porque não tens o que precisas ou porque o tens. Porque fez tão formosa a sua Mãe, que é também tua Mãe. – Porque criou o Sol e a Lua e este animal e aquela planta. – Porque fez aquele homem eloquente e a ti te fez difícil de palavra... Dá-lhe graças por tudo, porque tudo é bom***¹.

É verdade que no mundo são abundantes os dramas e sofrimentos: catástrofes naturais que arrebatam a vida a milhares de pessoas, focos de guerra e violência em muitos lugares, doenças e carência de bens de primeira necessidade em inúmeros pontos da terra, divisões e rixas nas famílias e entre os povos... A tudo isto é preciso acrescentar agora a profunda crise econômica que afeta muitos países, com tantos homens e mulheres forçosamente desempregados.

No entanto, embora a razão não chegue a entender o porquê destas situações, a fé assegura-nos que este nosso tempo **encerra já, de forma definitiva e inapagável, a novidade gozosa e libertadora de Cristo salvador [...]. O Natal faz-nos voltar a encontrar a Deus na carne humilde e débil de uma criança. Não há aqui um convite para que reencontremos a presença de Deus e do seu amor que dá a salvação também nas horas breves e cansativas da nossa vida cotidiana? Não é um convite para que descubramos que o nosso tempo humano – também nos momentos duros e difíceis – está incessantemente enriquecido pelas graças do Senhor, mais ainda, pela graça que é o próprio Senhor?**².

Façamos memória, filhas e filhos meus, dos inumeráveis benefícios recebidos nos meses que acabam de transcorrer. Podemos meditar neles na intimidade da oração. Apesar da nossa pouca valia pessoal, foi mais um ano de fidelidade à nossa vocação cristã na Igreja, seguindo o espírito da Obra. E podemos enumerar muitos outros benefícios: os frutos espirituais de um trabalho oferecido a Deus e realizado com espírito de serviço às almas; as pessoas que, graças ao exemplo e à palavra apostólica dos filhos de Deus, se aproximaram intimamente do Senhor ou o descobriram no tecido da sua existência ordinária; o começo do trabalho apostólico estável de fiéis da Prelazia em novos países e a sua consolidação em outros; o chamamento divino que o Senhor dirigiu a muitas pessoas no mundo inteiro para que o sirvam no Opus Dei; o profundo abalo interior, as conversões e vocações de entrega total, pelos mais variados caminhos espirituais, que Deus suscitou na Igreja por ocasião da Jornada Mundial da Juventude celebrada no mês de agosto... E tantos outros benefícios na vida pessoal, familiar e social, que cabe a cada um descobrir e agradecer.

[Voltar ao índice](#)

* * *

- 1 São Josemaria, Caminho, n. 268.
- 2 Bento XVI, Homilia nas I Vésperas da solenidade de Maria, Mãe de Deus, 31-12-2010.

HUMILDADE DE CORAÇÃO

(JANEIRO DE 2013)

Na gruta de Belém, manifesta-se não só a infinita caridade de Deus pelas suas criaturas, mas também a sua insondável humildade. Essa Criança que emite os seus primeiros vagidos, que sente frio, que precisa do calor de Maria e de José, é o Deus todo-poderoso e eterno que, sem abandonar o Céu para vir à terra, quis despojar-se da glória da sua divindade: Sendo de condição divina, não reteve avidamente a sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo tomando a forma de servo, feito semelhante aos homens ¹. Perante uma realidade tão maravilhosa, entende-se que o nosso Padre exclamasse com frequência: **«Por que me amas tanto, Senhor?»**.

«O paradoxo cristão – comenta Bento XVI – consiste precisamente na identificação da Sabedoria divina, isto é, do Logos eterno, com o homem Jesus de Nazaré e com a sua história. Não se encontra solução para este paradoxo senão na palavra “Amor”, que naturalmente se deve escrever neste caso com «A» maiúscula, pois se trata de um Amor que ultrapassa infinitamente as dimensões humanas e históricas»².

Para que se visse claramente que a humildade é imprescindível para receber a luz da Encarnação, a Escritura conta-nos que as primeiras testemunhas do aniquilamento divino – além de Maria e José – foram uns pobres pastores que vigiavam os seus rebanhos nos arredores de Belém: gente simples e pouco considerada pelos outros. O Senhor pôs os olhos neles porque “o que atrai a benevolência de Deus é sobretudo a humildade do coração”³. O próprio Jesus, anos mais tarde, dará graças ao seu Pai celestial porque ocultaste estas coisas aos sábios e prudentes e as revelaste aos pequenos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado⁴.

Também os Magos reconheceram o Messias porque foram simples, generosamente atentos ao sinal divino. **Nosso Senhor dirige-se a todos os homens, para que caminhem ao seu encontro, para que sejam santos. Não chama só os Reis Magos, que eram sábios e poderosos; antes disso, tinha enviado aos pastores de Belém, não já uma estrela, mas um dos seus anjos (cfr. Lc 2, 9). Uns e outros – sejam pobres ou ricos, sábios ou menos sábios – devem fomentar na sua alma uma disposição humilde que permita escutar a voz de Deus** ⁵.

Lembro-me com emoção das vezes em que São Josemaria punha diante dos nossos olhos a cena do nascimento do Senhor. Falava da **«cátedra de Belém»**, de onde Jesus Menino nos dá muitas lições; entre outras, e especialmente, a da humildade, para que aprendamos a render o nosso juízo e a nossa soberba, contemplando o divino Infante. Admiramos, além disso, que o Senhor, ao pôr os olhos na Virgem Maria para fazê-la sua Mãe, se deixou atrair especialmente – falando em termos humanos – pela sua humildade, pela sua baixeza: *porque pôs os olhos na humildade da sua escrava, por isso desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada* ⁶.

Esta disposição, que temos de pedir a Deus, não exclui a aspiração de conseguirmos mais eficácia nas tarefas que nos ocupam, servindo-nos de todos os meios ao nosso alcance para melhorarmos, para

honrarmos o Senhor com os nossos afazeres. Muito pelo contrário, como expõe o Santo Padre, «trata-se de estudar, de aprofundar nos conhecimentos mantendo um espírito de “pequenos”, um espírito humilde e singelo, como o de Maria, a “Sede da Sabedoria”. Quantas vezes tivemos medo de aproximar-nos da gruta de Belém por estarmos preocupados de que isso pudesse ser obstáculo para o nosso espírito crítico e para a nossa “modernidade”! Mas nessa gruta cada um de nós pode descobrir a verdade sobre Deus, a verdade sobre o homem, sobre si mesmo. Nesse Menino, nascido da Virgem, ambas as verdades se encontraram: o anelo da vida eterna por parte do homem enterneceu o coração de Deus, que não se envergonhou de assumir a condição humana»⁷.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ *Filip 2, 6-7.*

² Bento XVI, Homilia nas Vésperas de 17-12-2009.

³ São João Paulo II, Discurso na audiência geral, 6-11-1996.6

⁴ *Mt 11, 25-26.*

⁵ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 33.

⁶ *Lc 1, 48.*

⁷ Bento XVI, Homilia nas Vésperas de 17-12-2009.

DESEJOS DE FRATERNIDADE

(JANEIRO DE 2014)

Ecoam ainda na nossa alma, nesta nossa Terra, as palavras dos anjos aos pastores de Belém, que meditamos neste Natal: *glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens por Ele amado*¹. A glorificação de Deus pela Encarnação e nascimento do Seu Filho Unigênito encontra-se indissolúvelmente unida à paz e à fraternidade entre as criaturas humanas. Se podemos e devemos chamar-nos irmãos é, concretamente, porque todos somos filhos de um mesmo Pai, Deus, que nos criou à Sua imagem e semelhança, e porque o Verbo Divino, ao encarnar, como Cabeça da humanidade, nos resgatou do pecado, outorgando-nos o dom da filiação divina adotiva. Esta é a grande notícia que o anjo anunciou em Belém, não só aos filhos de Israel mas a todos os homens e mulheres: *eis que venho anunciar-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo*².

A contemplação de Jesus nos braços de Maria, sob o olhar atento de José, ocupou por completo o nosso pensamento nestas sagradas festas. Ao olhar atentamente para este Menino indefeso, Criador dos Céus e da Terra, Verbo eterno de Deus que se fez em tudo igual a nós exceto no pecado³, irrompemos em atos de adoração e em ações de graças, conscientes de que nunca pagaremos o muito que nos ama. Continuemos assim no ano novo e sempre, acolhendo o reiterado convite de São Josemaria: *ut in gratiarum semper actione maneamus*. Permaneçamos numa ação de graças constante, por todos os benefícios que o Senhor nos concedeu e nos concederá: os conhecidos e os que não conhecemos, os grandes e os pequenos, os espirituais e os materiais, os que nos causaram alegria e os que talvez nos tenham trazido alguma tristeza. Com o nosso Padre, insisto, e digo-o a mim próprio: demos **graças por tudo, porque tudo é bom**⁴.

Iniciamos a segunda parte do Tempo de Natal com a Solenidade da Maternidade divina de Maria. O nosso olhar detém-se agora com mais atenção nesta criatura sem par que, de forma tão simples, *ecce ancilla Dómini*⁵— possibilitou a Encarnação do Verbo e nos tornou filhos de Deus em Jesus Cristo, irmãos com uma fraternidade mais forte que a da origem comum em Adão e Eva. **Ó Mãe, Mãe! Com essa tua palavra – “fiat” – tornaste-nos irmãos de Deus e herdeiros da Sua glória. – Bendita sejas!**⁶. Realiza-se assim uma das mais profundas aspirações do ser humano: **uma aspiração irreprimível de fraternidade, impelindo à comunhão com os outros, em quem não vemos inimigos ou concorrentes, mas irmãos para acolher e amar**⁷.

Amar o nosso semelhante com amor fraterno é uma das características essenciais da mensagem cristã. O próprio Jesus o frisou aos Apóstolos: *Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Por isto é que todos saberão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros*⁸. E o nosso Padre comenta: **é preciso atualizar essa fraternidade que os primeiros cristãos viviam tão intensamente**⁹. E tu e eu, que estamos a fazer? Como rezamos por todos os povos? Como nos interessamos pela sua vida?

O *mandamento novo* do Senhor ajuda a compreender que a fraternidade cristã não se reduz à mera solidariedade, não se fica em questões de afinidade de caráter, de interesses comuns, de simpatia

meramente humana. Ela procura descobrir Cristo nos outros. Mais ainda, leva a parecer-se cada vez mais com Ele, até podermos afirmar que somos «*alter Christus*, outros Cristos; *ipse Christus*, el mismo Cristo». o próprio Cristo. Este desejo traduz-se em amar e servir os nossos semelhantes como o Senhor os serve e os ama(...).

Nos dias passados, meditando uma vez mais sobre as homilias do nosso Padre – recomendo que volteis uma e outra vez a meditar esses textos, que enriquecerão a vossa vida interior – detive-me numas palavras que exprimem com muita clareza o porquê do nascimento de Jesus. ***Nosso Senhor veio trazer a paz, a boa nova, a vida a todos os homens. Não só aos ricos, nem só aos pobres; não só aos sábios, nem só à gente simples, a todos. Aos irmãos, pois somos irmãos, já que somos filhos de um mesmo Pai, Deus¹⁰.***

[Votar ao índice](#)

* * *

¹ Lc 2, 14.

² Ibid., 10.

³ Cfr. Hb 4, 15.

⁴ São Josemaria, Caminho, n. 268.

⁵ Lc 1, 38.

⁶ São Josemaria, Caminho, n. 512.

⁷ Papa Francisco, Mensagem para o Dia mundial da paz de 2014, 8-XII-2013, n. 1.

⁸ Jn 13, 34-35.

⁹ São Josemaria, Entrevistas, n. 61.

¹⁰ São Josemaria, Cristo que passa , n. 106.

JESUS NASCEU EM UMA FAMÍLIA

(JANEIRO DE 2015)

Hoje, dia 1 de janeiro, celebramos a Solenidade da Mãe de Deus, que o Senhor nos deu como nossa Mãe. Ela é o caminho escolhido por Deus Pai para que o Seu Filho unigênito se fizesse homem, por obra do Espírito Santo. A Maria se dirige também a nossa gratidão. Agradecemos-lhe porque, com a sua resposta no momento da Anunciação e com a sua forte e silenciosa presença ao pé da Cruz, nos abriu o caminho da filiação divina. Com palavras de São Josemaria, dizemos-lhe: **Ó Mãe, Mãe! Com essa tua palavra – "fiat" –, nos tornaste irmãos de Deus e herdeiros da sua glória. Bendita sejas!»¹.**

(...)Qualquer momento é bom para elevarmos ao Céu esta petição, e com mais razão neste tempo festivo de Natal, que lança uma luz diáfana sobre o plano divino para o gênero humano. Os Anjos anunciaram aos pastores *uma grande alegria, que o será para todo o povo: hoje vos nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor*². Toda a humanidade aparece como destinatária desta boa nova. São Lucas relata-o brevemente: *foram com grande pressa e acharam Maria e José, e o menino deitado na manjedoura*³. No princípio, Deus criou o homem e a mulher com igual dignidade, estabelecendo a primeira família humana, e deu-lhes o mandato de governar o universo material e de povoar a Terra⁴. Aqui se fundamenta a raiz da instituição familiar. Mas o acontecimento de Belém vai muito mais além: o próprio Deus, na Sua benevolência infinita, encarnou no seio de uma família, mostrando assim a Sua Vontade para o adequado desenvolvimento da humanidade. A família de Belém aparece como modelo de todos os lares da Terra.

Na primeira catequese sobre este tema, o Papa Francisco comenta que **a encarnação do Filho de Deus abre um novo início na História universal do homem e da mulher. E este novo início tem lugar no seio de uma família, em Nazaré. Jesus nasceu numa família. Podia ter vindo de forma espetacular, como um guerreiro ou um imperador... Mas não: veio como filho, numa família. Isto é importante: ver no presépio esta cena tão bonita!**⁵.

O nascimento de Jesus significa, como diz a Escritura, a inauguração da plenitude dos tempos, o momento escolhido por Deus para manifestar por inteiro seu amor aos homens, entregando-nos o seu próprio Filho. Essa vontade divina cumpre-se no meio das circunstâncias mais normais e comuns: uma mulher que dá à luz, uma família, uma casa. A Onipotência divina, o esplendor de Deus, passam através das realidades humanas, unem-se ao elemento humano. A partir daí, nós, os cristãos, sabemos que, com a graça do Senhor, podemos e devemos santificar todas as realidades nobres da nossa vida. Não há situação terrena, por mais insignificante e vulgar que pareça, que não possa ser ocasião de um encontro com Cristo e etapa do nosso caminhar para o reino dos céus⁶.

A união conjugal foi estabelecida por Deus desde o momento da criação do homem e da mulher, mas infelizmente descuida-se agora em tantos lugares. A família é tão maltratada! Pretende-se apresentar como normais situações que são um duríssimo ataque ao desígnio criador e salvador de Deus. Em muitos lugares e ambientes debilita-se a instituição familiar ou mesmo tenta-se transformá-la numa coisa muito

diferente; e quem o faz não é apenas o povo, mas as próprias autoridades públicas, através de leis e decisões de governo. Não percebem – o demônio é muito hábil para tornar cegas as inteligências – que, esvaziando o conceito de família, se causa um enorme prejuízo à sociedade civil.

No domingo passado celebramos a festa da Sagrada Família. Nesse dia, como fazemos todos os anos, renovamos a consagração dos nossos pais, irmãs e irmãos à Sagrada Família de Nazaré, tal como o nosso Fundador estabeleceu para essa data. E convidamos os nossos familiares e amigos, e todos os que participam na tarefa apostólica da Prelazia, a unir-se a nós nesse ato. Como sempre, pedimos por todos os lares cristãos da Terra, para que sejam e vivam de acordo com o divino modelo que se mostrou para nós em Belém e em Nazaré(...).

Supliquemos ao Senhor, por intercessão da Virgem Maria e de São José, que nos Centros da Obra, nas casas dos outros fiéis e cooperadores da Prelazia, dos nossos familiares e amigos e em todos os lares cristãos, se reflita o exemplo da Sagrada Família. Contemplar Jesus, Maria e José há de impulsionar-nos a estar atentos aos outros, como eles estiveram. Temos de rezar diariamente e ocupar-nos das suas necessidades espirituais e materiais, do seu descanso, da ordem e dignidade material da casa, que há de ser um espelho do lar de Nazaré. E não consideremos nunca estes deveres como um peso, mas como salutares ocasiões de servir.

No seio da família de Nazaré, Jesus foi testemunho de tantos pormenores de delicadeza, de tantas manifestações de carinho. Quando começou a Sua vida pública, conheciam-No pelas suas raízes familiares: *Não é ele o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria?*⁷. Que bom seria que, ao observarem a nossa atuação de fiéis seguidores de Cristo, as pessoas pudessem afirmar: nota-se que esta pessoa imita o exemplo de Jesus, porque cuida o ambiente da sua casa, porque o leva consigo a todos os lugares, porque deseja que os outros participem dessa alegria e dessa paz.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ São Josemaria, Caminho, n. 512.

² *Lc 2, 11.*

³ *Lc 2, 16.*

⁴ Cfr. *Gn 1, 26-28.*

⁵ Papa Francisco, Discurso na Audiência geral, 17-XII-2014.

⁶ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 22.

⁷ *Mt 13, 55.*

MÃE DE DEUS, MÃE NOSSA

(JANEIRO DE 2016)

Ficamos cheios de alegria ao rezar, na antífona de entrada da Missa de hoje: «*Salve, sancta Parens...*»; Salve, ó santa mãe de Deus, vós destes à luz o rei que governa o céu e a terra pelos séculos eternos¹. Dá-nos muita alegria confessar a nossa fé na Maternidade divina de Maria, raiz dos outros privilégios com os quais a Santíssima Trindade adornou Nossa Senhora. Deus criou-a Imaculada e cumulou-a de graça, para que também o seu corpo virginal estivesse como que predisposto para gerar o Filho de Deus na carne². Que maravilha! Bem podemos dizer à Mãe de Deus e nossa Mãe: ***Mais do que tu, só Deus!***³.

Compreendemos o entusiasmo dos cristãos de Éfeso, cidade onde se celebrou o Concílio Ecumênico que definiu este dogma de fé, no ano 431. ***A história conservou-nos testemunhos da alegria com que os cristãos acolheram essas decisões claras, nítidas, que reafirmavam aquilo em que todos acreditavam***⁴. Assim o recorda São Josemaria, numa das suas homilias, usando palavras de São Cirilo de Alexandria, que desempenhou um papel importante naquela assembleia ecumênica: «O povo inteiro da cidade de Éfeso permaneceu ansioso à espera da resolução, desde as primeiras horas da manhã até a noite. Quando se soube que o autor das blasfêmias fora deposto, todos a uma só voz começamos a glorificar a Deus e a aclamar o Sínodo, porque caíra o inimigo da fé. Logo que saímos da igreja, fomos acompanhados com tochas até nossas casas. Era noite: toda a cidade estava alegre e iluminada»⁵. E o nosso Padre comenta: ***assim escreve São Cirilo, e não posso negar que, mesmo à distância de dezesseis séculos, essa reação de piedade me impressiona profundamente***⁶. Ainda me lembro de uma ocasião em que fomos a Loreto, em 1971. Não pudemos entrar na casa da Anunciação porque estava fechada. São Josemaria pôs-se de joelhos, agarrado às grades do portão, enquanto dizia: ***Mãe, minha Mãe e nossa Mãe! E ali deixou o seu amor e o dos seus filhos e das suas filhas de todos os tempos. Tínhamos chegado à Basílica um pouco enjoados por causa da estrada cheia de curvas. Mas isso não foi obstáculo para a sua oração e o seu agradecimento à Mãe do Céu.***

Mãe de Deus! Exclamavam também aqueles antigos cristãos de Éfeso, radiantes de alegria, perante a proclamação dessa verdade. E o mesmo confessamos nós hoje. «*Salve, sancta Parens...*», ¡salve, santa Madre de Dios!... Salve, santa Mãe de Deus!... A primeira oração mariana que chegou até nós é uma petição dirigida a Nossa Senhora pelos cristãos do Egito, no século III, invocando-a como Mãe de Deus: «*sub tuum præsidium confúgimus, Sancta Dei Génatrix...*»; À vossa proteção nós recorreremos, Santa Mãe de Deus. Não desprezeis as súplicas que em nossas necessidades vos dirigimos, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita⁷. São Josemaria rezava-a diariamente, seguro do Refúgio dos braços de Santa Maria.

Queira Deus Nosso Senhor que esta mesma fé arda em nossos corações e que se levante dos nossos lábios um cântico de ação de graças porque a Trindade Santíssima, escolhendo Maria como Mãe de Cristo, de um Homem como nós, nos colocou a cada um sob o seu manto maternal. É Mãe de Deus e Mãe nossa⁸.

[Voltar ao índice](#)

* * *

- 1 Missal Romano, Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus, Antífona de entrada.
- 2 Cfr. São Tomás de Aquino, Comentário ao Evangelho de São João, cap. I, lect. 10.
- 3 São Josemaria, Caminho, n. 496.
- 4 São Josemaria, Amigos de Deus, n. 275.
- 5 São Cirilo de Alexandria, Epístola 24 (PG 77, 138).
- 6 São Josemaria, Amigos de Deus, n. 275.
- 7 Oração Sub tuum praesidium.
- 8 São Josemaria, Amigos de Deus, n. 275.

© Copyright

Oficina de Informação
do Opus Dei, 2017

www.opusdei.org.br